



Publicação semanal literaria e illustrada

Propriedade e direcção de **JORGE GONÇALVES**

Redacção e administração — Rua do Arco
a Jesus, n.º 81-1.
Composição e impressão — Sociedade Nacional
de Tipografia, Rua do Seculo, 43

DÃO SE RESTITUEM
OS ORIGINAES

Assinaturas: Series de 10 numeros 20 centavos (200 réis) pagamento adiantado
Avulso 2 centavos (20 réis)
EDITOR — JOSÉ GONÇALVES CARNEIRO



Noite branca: tudo cala, escutam-se toadas constantes, sonolentas, aceleradas, que se sentem subir, que nos elevam a alma, são cantados que vibram estremecidos pelo Luar.

...ados, canções que mais amo, que delicia agora se a gente envolver por Eles, sentir o corpo macerado pela sua caricia dominar a!

São Flôres dos Salões: cantares que acalentam crianças, auroras, desejos que cantam bíblicos, confidencias com risos abafados, ausências, saudades, lembranças, beijos de porras, arroubos de misticismo manso com gritos de leão, encantamentos interiores, sonhos n'um decalé de ilusões...

São Flôres de Viegas: arvores que vergam á força de um olhar, peiolas em choro, ecos dos que sentem a embriaguez da Sombra e os requintes frios do Silêncio, onde se esp. hiam as almas dos anemicos e dos palidos da Vida, prégações aos ceticos em elevados de masfim, confidencias a interromp. n-se em intermitencias dolorosas, lenços e bocas de saudade na Sombra, almas emolduradas em Noite e Sangue, beijos de alcove, lamentos de rosas murchas, desfolhadas, lírios que tremem o corpo que foi gentil, gritos de impureza e maldição.

São Flôres das Vendas: alcool, soluços, efervesce cias de Amargura, vibrações em sensualidades e deslumbamentos de espaldas, estribilhos nús, bocas que ferem os labios aos amantes até sangrarem, ceus enevoados, mares encapelados em tormenta, crimes, elegias de grades, ancias de liberdade, prantos resignados de remorso.

São Flôres dos Palcos: cintilações vagas, reflexos, espelhamentos palidos do Misterio entre palmas e bravos.

Os Fados — cantam vibrantes e ferem-nos desapiadados...

E eu adoro os Fados, canções que mais amo, traduções do Misterio em poemas de sentimento, espiritualidades em vibrações de Luz e Som, canções em que adormeco o meu mal-estar...

Jito Bettencourt.



Aura Abranches

Graca, formosura, mocidade, talento e eis uma verdadeira artista que, apesar da sua curta idade, já conquistou um lugar destacavel n'essa escassa galeria de nomes que o publico decora e estima.

Por mais dificuldades que por ventura se lhe intercessem no caminho, procurando dificultar-lhe o acesso ao cimo d'essa montanha doirada e luminosa onde vive a Gloria, preocupação eterna de todos os que lutam pela Arte, ela triunfará como realmente triunfou.

E' que Aura Abranches é uma d'essas raras e felizes creaturas das quaes a critica não pode dizer mal.

Quando a figura graciosa da nossa gentil homenagenada de hoje enche um palco com o bulicio da sua mocidade e a frescura do seu talento, sorrindo, encantando, arrebatando, imprimindo ás frases e ás situações que lhe distribuem uma galanteria inextinguível que tanto tem contribuido para os seus constantes sucessos, todos tem irresistivelmente de a aplaudir.

Aura é uma fervorosa apaixonada pelos cantos populares do nosso paiz, e o Brazil, por intermedio da sua voz ritmada e suave, tem assistido enlevado ao desfilir de deliciosos pedaços da nossa terra bendita e da nossa alma idealista, que são toda essa legião encantadora de sentidos poemetas, fados, trovas e canções que compõem o riquissimo cancionero portuguez.

Dedicando á gentilissima atriz estas rapidas linhas, não praticamos uma amabilidade, prestamos-lhe simplesmente uma homenagem justissima e a Canção de Portugal orgulha-se de a apresentar ao publico, que tanto a admira e estima, no lugar de honra da sua primeira pagina.

S. JOÃO

Meu amigo:

No passado numero da Canção, escreve o illustre jornalista e meu muito prezado amigo Rocha Junior, que desconhece as fortes razões que a Igreja dará para explicar a popularidade d'este simpatico varão, em detrimento de tantos outros, como ele legitimamente canonizados, e porventura portadores de muito mais excellentes virtudes.

A Igreja! Mas a Igreja não cura d'essas coisas, meu amigo, nem lhe monta nada explicáveis. Nem o forte da Igreja é explicar. Para ela as coisas são como são, e assim é que devem ser. Sint ut sunt, aut non sint. Vá lá V. pedir-lhe a interpretação do dogma da Trindade, ou do da Conceição Imaculada!

Vão, porém, os leitores da Canção, alumiados pela minha minguada e fumacenta candeia, conhecer os motivos que determinaram a celebração anual do rude e fagueiro Precursor, descabeçado ha 20 seculos no fundo d'uma escura enxovia judaica, em homenagem ao voluptuoso encanto d'uma princeza, cuja desordem a sua eloquencia barbara impiedosamente fulminava.

A festa batistina aparece por occasião d'um importante fenomeno da mecanica celeste—o solsticio do verão. Ora o solsticio do verão é de tempos imemoriaes celebrado em todas as religiões e paizes da raça heleno-arica e liga-se a idéas complexas religiosas e astronomicas que não vem a ponto explanar n'um jornal d'esta natureza. D'elas é a mais importante a victoria do verão, principio ou personificação do Bem, sobre o inverno, principio do Mal. Ora tendo a Igreja situado n'aquella altura o dia que sagrou a S. João, natural é que, arraigado entre o povo o costume de tal celebração, este continuasse as praticas antigas, ligando-as com o decorrer do tempo e com a progressiva infiltração do cristianismo, não já á idéa astronomica e mitologica, mas ao santo que o agiologio lhe mostrava.

O mesmo aconteceu no solsticio do inverno (vitoria do inverno sobre o verão) celebrado tambem desde remotissimos dias, e perpetuada essa celebração dentro do cristianismo com a Natividade de Cristo. Aqui tem V. os seus leitores, meu caro Goncalves, hospedes n'estas maravilhas de erudição corriqueira, informados o mais compendiosamente possivel sobre a origem da celebração sanjoanina, tão universal, diz a cantiga, que

Té os moiros na Moirama
Festejam o S. João.

Disponha sempre que queira do

Seu amigo

M. Cardoso Martha.

Serenatas de Coimbra

Maria, linda cachopa em cujos lábios juvenis paira tentadoramente o sorriso rosado que constitui uma arma de sedução das raparigas de dezoito anos, lê no seu quarto de dormir, junto à luz humilde de um candieiro de petróleo, um pequenino livro de versos.

Anima-se-lhe o olhar à medida que eles se vão gravando no seu espírito e de vez em quando, Maria, sentimental e amorosa, desvia os olhos das trovas e poisa-os languidamente com a mesma suavidade, o mesmo encanto, em tres retratos que na parede se enfileiram.

Um é Antonio Nobre, desditoso trovador roubado abruptamente à nossa admiração pela Parca feroz; outro é Augusto Gil, o poeta formidavelmente simples cujo contacto espiritual entenece e extasia, e o do meio, n'uma moldurinha mais cuidada... seria indiscreção divulgar-lhe o nome. Sabe-se unicamente que usa capa e batina, e o seu rosto sereno e inteligente, onde a sombra de um buço despontava petulante, parece encaral-a com ternura, fita-a com uma particular simpatia.

E' noite cerrada. Ao longe, o luar prateia as águas lentas do Mondego e poetisa a solidão calma dos caminhos. Maria dorme angelicamente no seu leito virginal.

Os braços frescos e lacteos, esgueirando-se sedutores do seu corpo de rosa como duas lubrificas pétalas, enlevo da estudianta sensual que lhe atira beijos e madrigais à sua passagem, enlaçam-se a esta hora, inocentes, franzinos, gentis, nos braços vigorosos de Morfeu.

Mas eis que se distinguem cada vez mais nitidos, mais sonoros, os gemidos cadenciados d'um concerto de guitarras. Eil-as que se aproximam nas mãos habéis dois estudantes boémios, e ao ouvirem maravilhosos o sentimentalismo das suas notas e o ritmo harmonioso dos seus acordes, a lua, palida romantica, amiga dedicada dos poetas e dos sonhadores, brilha com maior ternura, as estrelas retilgem com maior esplendor, as águas do rio palpitam, arfam com mais vigor, e os seus marulhos são como cantigas suaves, toadas plangentes que só os trovadores sabem compreender e sentir.

Cruzam-se, ligeiramente, no ar, subteis como perfumes, graciosos como sorrisos, pedaços delicados da alma e do talento de Augusto Gil, Lopes Vieira, Vicente Arnoso e outros artistas cujo sentimento e inspiração a poetica Coimbra conheceu

O cantar alegre a vida,
Se o Bem nos promete o fado;
Quando recorda tristezas
Deixa o coração maguado.

Quem não pode suportar
Dentro d'alma o sofrimento
Canta e ri, para espalhar,
Faz seus queixumes ao vento...

Lembrança do bem perdido,
A saudade vem trazer;
Devemos fugir ás maguas
Para alegrar o viver.

A vida é mar de tristezas,
Para quem se faz tristonho;
Doce jardim de belezas,
Se a vemos qual todo sonho.

Quem canta busca expansão
Aos sentimentos que tem,
Canta quem sente paixão
Quem vive alegre, também.

Pelo cantar se conhece
O que vai dentro de nós:
O sentimento aparece
No timbre da nossa voz.

O meu canto entristecido,
Bem pouco tempo me dura
Pois evito recordar
Minha passada ventura.

Carlos Vaz Pinto.

Antonio Ferro.

e ama, e a linda cachopa, ao chegarem-lhe aos ouvidos os trinado melodosos da serenata que passa, acorda estremecendo, ergue-se bruscamente do leito e corre alvoroçada à janela.

Passaram os estudantes tangendo guitarras, cantarolando trovas.

Maria apura o ouvido e percebe uma voz conhecida; depois, apura a vista e, auxiliada pelo luar, distingue uma figura amiga. E' um estudante simpático que empunha uma guitarra à frente do grupo. A capa negra, contrastando pela cor com a alegria que ele expande exuberantemente, envolve-o com elegancia característica e ela, ao vê-lo passar vibrante de animação, jogoso de mocidade, lastimou talvez não poder acompanhá-lo, e ao recordar a realidade do seu leito, acende antes a luz, sorrindo ingenuamente para um retrato que n'uma moldura cuidada parece fita-a com uma particular simpatia...

Perderam-se os derradeiros ecos da serenata que passou, a lua agasalha-se n'uma nuvem, e Maria, as palpebras cerradas, o coração sonhando, adormeceu de novo, entregando o corpo a Morfeu e o espirito aos anjos.

José Rodrigues.

—Ai! como a vida é triste,—pensava. Depois, recordava aqueles dias felizes, momentos de ventura, que se fizieram nos sonhos da sua mocidade; lembrava-se ainda das cantigas que ele entoava, alegre, ás raparigas da terra, no *balleario*. E quando à noite, ao fim dos dias de labor, ele recolhia a casa cansado das lides do campo, o peito dilatado, respirando saúde, a fronte queimada pelo sol que dardejia nas calmosas tardes do estio, a sua mulher lá tinha a ceia preparada com esmero, apesar de simples!

Ali encontrava o doce carinho do lar e o repouso de que tanto necessitava, e como ele, lutam laboriosamente pela vida. Era pobre e feliz, vivia do seu trabalho. Vivia sem ambições, sem escrúpulos e, por isso, nada no mundo o inquietava.

O tio Pedro, recordando-o isto, julgou voltar aos aureos tempos em que a vida lhe sorria. No seu rosto vincado apagou-se por momentos aquela usada tristeza que o martirizava, e tocava-lhe a alma, como n'um beijo de afeto, uma clara e espontanea alegria.

—Como a vida é linda!—diz deleitando-se embebedo nas vagas recordações que lhe passavam pelo cerebro.

No entanto, o sol ia descendo sempre, suavemente, deixando no ceu um rastro ensanguentado, vermelho como a chama palpitante, n'um adeus sonado que se diluía pelo poente...

A voz infantil de sua filha, a Luízinha, foi quebrar o extenso fio de recordações e lembranças da sua vida.

Sentou-se-lhe no colo, trêmula, com aquela vivacidade que é peculiar das crian-

CANTARES

Portugal

Na caravela do sonho
Tambem fui navegador:
Lancei-me no mar da vida,
Descobri o meu amor.

A lua é uma quimera
D'um poeta lá do céu,
E que á força de sonhada
Ficou branca, envelheceu...

Portugal é uma canção
Toda feita em redondilhas,
Passa de avós para netos,
Passa de mães para filhas.

Aquele pequeno lar
Onde comigo vivi,
Já conteve o mundo todo,
Porque te conteve a ti.

De mistura com o linho
Que vais fiando entredita,
Sorrindo-te para mim
Fias-me também a vida.

N'essa linda cinturinha
Poisou um raio de luar,
E' preciso ter cautela,
Não te vá ele quebrar...

Com inveja das estrelas
Quizemos ir para o céu:
Olhámos um para o outro
P'ra lá fui n'um olhar teu...

Canta, canta, rouxinol,
Solta teus lindos trinados.
Canta, canta, rouxinol,
Por salgueiros e valados.

Teu cantar harmonioso,
Teu canto celestial,
E' um dote precioso
Do meu lindo Portugal!

Onde ha mulheres formosas,
Onde é limpido o Luar,
Onde pululam as rosas
D'um perfume d'inveja!...

Onde cantam passarinhos
Sobre cristalinhas fontes
Onde tremam carneirinhos
Alegres lá pelos montes!

Linda terra portuguesa
Mãe do Sol e do Luar
E's tesouro de beleza,
E' bela fada sem par!...

Portugal, terra d'encantos,
Paiz d'Amor e Poesia.
Corem para ti meus pianos
Vertidos de noite e dia!...

(Rio de Janeiro.)

Raul Romano.

Aos srs. assinantes

Prevenimos os nossos estimados assinantes de Lisboa e provincias de que vamos pôr á cobrança, na proxima semana, os seus recibos de assinatura.

Como a cobrança da provincia vai ser feita pelo correio, rogamos aos srs. assinantes a fineza de, para nos evitarem despesas que nos sobrecarregariam deveras e para que lhe não seja suspensa a remessa do nosso semanario, satisfaçam os respectivos recibos quando lhe sejam apresentados.

Do auxilio de todos os que nos lêem depende a vida do nosso jornal que, devido á carestia das suas materias primas, está exigindo um grande esforço da nossa parte para o mantermos.

AOS SENHORES COLABORADORES

O correio tem-nos trazido cartas multadas por não serem convenientemente franquadas. Declaramos que não recebemos essa correspondencia, ficando a declaração feita para nos não ser reclamada a falta de publicação de originaes que nos sejam enviados n'essas condições.

O brinde de «A Canção de Portugal»

O nosso concurso

Termina n'este numero, conforme n'outro lugar dizemos, o nosso primeiro concurso a premio, que teve um belo acolhimento por parte dos assinantes e leitores de «A Canção de Portugal».

Cumprindo o nosso programa, encerramos hoje o segundo concurso, que terá por brinde um estylo com uma linda escova de dentes em prata e que se acha exposto nas montas da concelhada. Rua dos Dongallos, na rua da Prata, onde pôde ser examinado pelos interessados.

BEBAM SÓ

Água do Alardo

ADELINO DA COSTA ROSA

RECORDAÇÃO DO PASSADO

(CONTO)

Era uma tarde de junho.

Sentado nos toscos degraus da sua casa simples e modesta, o tio Pedro, o bom velhinho, cismava, muito triste. Liam-se no seu rosto cavado e rugoso indícios de uma cruel amargura, que se abraçara a ele havia alguns anos.

N'aquela tarde, o vasto campo matizado estava encantador como sempre!

Por entre a brilha verde, bulhosa ao sopro da fresca fresca, o sol infiltrava os raios dourados que vinham, como n'um beijo, pousar docemente na terra! A sua luz espargia-se, estonteante, por sobre a ceara loura!

Crianças traquinas e irrequietas brincavam loucamente no meio d'essa amplitude infinita que, ao longe, muito ao longe, parecia beijar o céu!...

Mas o velho olhava, indiferente, este espectáculo tão tentador como soberbo! Pensava na sua mulher, extremosa companheira, que lhe dera tantos anos de felicidade e de amor e que o ceu lhe arrebatara! Como ele estava triste! E já lá iam tres anos! Tres anos que lhe pareciam tres seculos de amargura! E foi também n'esse praso, que os seus cabelos, que eram negros como ébano, tomaram a cor da luz do luar! Como envelheceu depressa!

cas. A principio o velho nem tinha dado por tal. Maquinalmente e sem desviar a vista de um certo ponto do infinito, afagou mansamente as louras tranças que lhe emolduravam graciosamente o rosto côr-dito.

—O' paisinho! Paisinho!... — dizia ela puxando as abas da casaco, como de despertal-o. Porém, ele estava muito triste. Melancolicamente, olhou para ela e sorriu. Tinha ali o fruto d'um amor que morreu, a doce recordação do seu passado feliz, o unico conforto que lhe ficara na vida!... Beijou-a e chegou-a mais para si, como se um extranho poder possuísse aquela criança para lhe acalentar a dor que lhe devorava a alma.

—Ai! paisinho, que lindo!... — prolongava a voz n'aquela frase, como se estivesse a vêr:— que lindo!...

—Que foi, minha filha?

—Um casamento que eu vi... a noiva ia tão bonita...

Aquelas frases despertaram o quer que fosse no coração martirizado do bom velhinho.

—Um casamento... e ia tão bonita... murmurou ele tambem mais triste ainda: —ia tão bonita... — e tornou a pensar na mãe d'aquella criança. Julgou vê-la ainda pelo seu braço, ouvir os sinos tocando, dolentemente, pela celebração do matrimonio, e que a sua aldeia, que tambem lhe servira de berço, ainda suspirava amor como outr'ora!...

A noiva ia tão bonita... Como lhe soava ainda aquela frase aos ouvidos! E a Luízinha viu, n'esse instante, rolar em duas lagrimas ardentes pelas faces enrugadas do pobre pai.

Dias depois, quando o sol já descia outra vez no horizonte, atravessava a aldeia um extenso cortejo fúnebre, a caminho do cemiterio.

Lá ao longe, erguiam-se, como fantasmas, esquiços, os gigantescos ciprestes. Pareciam segredarem entre si, n'aquela extranha linguagem, que um silencio de morte parecia escutar atentamente.

Perdiam-se pelo espaço as vozes dos sinos, que da torre anunciavam que mais um corpo ia descer á terra fria. Triste apoteose da vida!

Uma rapariga que vinha da fonte indagou o que se passava.

—Morreu o tio Pedro,— respondeu-lhe a voz enrouquecida d'uma velha que se acercou da rapariga, satisfeita por lhe dar a novidade.

—Fala verdade?— perguntou a outra depois d'uns momentos de grande admiração.

—E' o que lhe digo, menina.

—Ele tambem já estava tão velho...

—Novo era ele; mas depois que lhe morreu a mulher parece que envelheceu dez anos; e depois andava sempre muito triste. Parecia até que andava doente!

—São paixões — dizia outra — e as paixões, que as leve o diabo.

Da janela d'uma casa ali perto, a Luízinha olhava ainda ao longe, atravez das lagrimas que lhe toldavam a vista, aquella massa humana que se afastava, acompanhando o seu pai que nunca mais tornaria a vêr!

No entanto, a noite ia descendo suavemente, envolvendo a aldeia n'um silencio fúnebre e misterioso.

MOTES Concurso

Mote a premio

Minha mãe jurei bandeiras,
Agora serei soldado. *Gorrão d'Oliveira.*

Com a publicação d'estas glosas damos por lido o nosso primeiro concurso, pedindo, portanto, AOS SENHORES ASSINANTES DE LISBOA E PROVINCIA a fineza de se pronunciarem, em bilhete postal, até á proxima quinta feira, sobre a glosa mais bem feita de todas as publicadas, a fim de conferirmos o premio á que maior numero de votos obtiver.

Respostas

Portuguezes! A's fileiras!
Abandonai a laberal
Digam todos da cazerna:
—Minha mãe jurei bandeiras.
Esqueci as pausqueiras,
As serenatas... o fado...
Esse amigo idolatrado
Que o portuguez consola!
—Eu já te esqueci, violão!
Agora serei soldado!

Serra e Moura (viola).

N'uma luta de toupeiras,
Matam os nossos soldados,
E para serem vingados,
Minha mãe jurei bandeiras.
Irei fóra das fronteiras,
Com meu peito coraçado
Ela fé d'esse passado
Que honrou já nossos avós!
A patria chama por nós,
Agora serei soldado.

Adelino Ribeiro Cristão.

Son chama'o ás fileiras,
You cumprto o meu dever,
Para a Patria defender,
Minha mãe jurei bandeiras.
Lembro as verde oliveiras,
A minha aldeia o meu gado.
O meu mimoso serrado,
As verdejantes ourelas,
Já não posso exidar d'elles,
Agora serei soldado.

Alfredo Bambero.

Para servir nas fileiras
A Patria que me foi verso,
En vos digo, em pobre verso,
Minha mãe jurei bandeiras.
P'ra defender as fronteiras,
Pela Lei, eu fui chamado!
Cumpra-se, pois, o meu fado!
Respeitando gerações
Eu serei, como Camões;
Agora serei soldado.

Teimoso.

De voluntarias fileiras,
Um brioso portuguez
Exclama com altivez:
Minha mãe jurei bandeiras!
Eu sou de paixões guerreiras
Adoro o ar metralhado
Sibilando ao meu telhado,
E já que isto me domina
E o santo dever me anima,
Agora serei soldado.

Gypsidis.

Sendo tudo frioleiras
N'este mundo tão remisso,
Puz tudo á parte, e por isso
Minha mãe jurei bandeiras.
Sem palavras lisonjeiras,
(Só dignas do enfatuado),
Vou entrar, sem mais cuidado,
Na vida toda real,
E p'ra servir Portugal
Agora serei soldado.

Almeirão da Cruz.

Estou disposto a canceiras
E a batalhar afinal,
P'ra engrandecer Portugal,
Minha mãe jurei bandeiras.
Vou partir para as fileiras
Sem receio, nem cuidado!
Portugal é um dezer sagrado
Defender á Patria quero!
Por ela darei á vida!
Agora serei soldado.

J. Filipe.

Vou partir para as fileiras,
You a Patria deixar,
P'ra defender nosso lar,
Minha mãe jurei bandeiras.
E quando em terras estrangeiras
P'ra brisa me foi levado,
O som plangente do fado,
Cobrarei novo valor,
E então direi com ardor:
Agora serei soldado.

Jorge Furtado Coelho.

Deixo o campo, deixo as ciras,
A minha amada na serra,
P'ra defender minha terra,
Minha mãe jurei bandeiras.
Irei pronto p'rá fileiras,
Cumpriré firme o meu fado
Fazendo ser respeitado
O nome do meu paiz.
Fui ditoso, fui feliz
Agora serei soldado.

Florinto Almeida.

Quando ingressei nas fileiras,
Dizia a todo o momento
Cheio de contentamento:
Minha mãe jurei bandeiras,
Entre milhares de canceiras
Defenderei com agrado
O nosso torrão sagrado,
—E já que tenho ensejo
De mostrar o meu desejo,
—Agora serei soldado.

Anfamar.

Vou combater nas fileiras,
Boa velhinha ideal,
Pois á fé de Portugal
Minha mãe jurei bandeiras.
Sempre amei as cantadeiras
E o triste e choroso fado,
Esse canto idolatrado
Filho d'esta terra lusa,
Fui um amante da musa,
Agora serei soldado.

Parnaso.

Adeus campos, adeus eiras,
Da querida terra natal,
P'ra defender Portugal,
Minha mãe jurei bandeiras.
Quando eu fóra para as trincheiras
Serei de vos apartado,
Não me deis por desgraçado,
Alcançarei fama, gloria!
Será de nós a vitória,
Agora serei soldado.

Moscardo.

D'um batalhão nas fileiras
Vou entrar p'ra combater
Para a Patria defender,
Minha mãe jurei bandeiras.
Tão cedo, por essas eiras,
Não me terás a teu lado,
Mas não fiques em cuidado
Minha mãe do coração,
Que queres? E' obrigação,
Agora serei soldado.

Javary.

Andam as aves aos pares
A namora-se em descantes.

Marcelino Mesquita.

As respostas a este mote devem ser-nos enviadas até sabado da proxima semana, ficando fóra de concurso todas as que vierem depois d'esse dia.

Este mote já foi publicado, por lapso, conforme dissemos, no nosso n.º 11, o que deu origem a que nos fossem enviadas algumas respostas que serão aproveitadas para este novo concurso.



Maxim.—Os senhores tipograftos, almas bondosas e indulgentes, resolveram, por unanimidade, o seu indulto em face da promessa feita de não mais delinquir e nós envergamos o smoking para recebermos o distinto gentleman que nos anuncia a sua visita. Queira, pois, sentar-se, ir folheando as Illustrações e servir-se de um charuto enquanto se compõe o nosso numero 15.

Eduardo, Joaquim Gonçalves e Antonio M. Valério.—Tardi piaram, seuhores. Há muito que está fechada a inscrição dos colaboradores para este concurso que hoje damos por findo. Dignem-se ler o que escrevemos no nosso numero 11, no final da secção respectiva. Habilitem-se para o que va seguir.

Ferrabraz.—Não nos agrida. Olhe que o nosso paé é policia.

Horcúles.—Que um conselho? Pegue na roca e lie aos pés da sua Omphale e não faça mais versos porque o Separado não o ladou para poeta.

Pardal.—Se o gato da nossa vizinha o apanhava em carne e osso nem uma pena se lhe aproveitava. Pois o bichano—O Charmant—porque lhe cheiron a Pardal, atirou-se á sua defesa, e ficou a dar-lhe um abraço e nem se viu.

Manuel Chiné e Pedro Caréca.—Isto de chamarem ias-mati a um dos nossos mais simpaticos colaboradores fal-o andar peor que... um urso. Tem pensado tanto no assunto que o encontramos homem de olhar peor e gagueado a perguntar a um candieiro se estava a... falar com o Camões.

Niza de Lemos.—A sua produção está fóra da indole do nosso jornal. O senhor tem recursos para fazer coisa boa e em harmonia com o que costumamos publicar. Mande e será servido.

Cabral Junior.—A sua produção tem originalidade, mas não podemos publical-a em obediencia a praxes seguidas e que por principio algum alteraremos.

Para respondermos de uma fórma geral, porque o espaço nos escasseia, a todos os colaboradores da nossa secção Motes á Concurso, diremos que as glosas que nos foram enviadas para o concurso que hoje finda, e que não foram publicadas foram rejeitadas pelo juri de admissao, umas por trazerem versos errados, outras por não formarem sentido, etc. Habilitem-se os srs. concorrentes ao novo concurso que hoje abrimos.

BALADA DE COIMBRA

Musica de JOSÉ ELYSEU

Letra de HENRIQUE MARTINS DE CARVALHO

And.^{te} Larg.^{to}

PANO

dolce

Ly bonica lu... a al... e já Terra Já negra ser... ra Inalva cor... Pe lo Monde... go ou vem-seape... nas

And.^{no}

Trouxas re... nas feilhas d'amor u mo saudade Po rem qui... per... ta sau... da... d'in...

fin... da? A noi... te lin... da lin... do lu... ar... Can... toc... ra...

D.C. 80

pa... res e ra... pa... ri... gos ter... nas can... li... gos, a sus... pi... ran.

Já branca a lua alveja a terra,
Já negra serra tem alva cor!
Pelo Mondego ouvem-se apenas
Trovas serenas feitas d'amor.

Porém qu'importa saudade infinda?
A noite é linda... lindo o luar!
Cantae rapazes ás raparigas
Ternas cantigas, a suspirar.

Tristes, bem tristes, nossas canções
Ilusões da mocidade:
Se os ventos do mar, certo triste,
Não oude existe uma saudade.

E os nossos cantos, puros, singelos,
São os aninhos d'uma illusão!
Pelos espousos vão ecoando
Ao sopro brando da vitiosa.

Fado das ruas

Ao colega amigo Rafael Marques.

MOTE

Quando a guerra terminar,
Os cadaver's s'ergerão!...
Ouvirás em voz funérea
Justa e atroz maldição.

GLOSAS

Caminha judeu errante
Do secho de luz e amor;
Semeia mais luto e dor,
Peste e fome cruciante.
Vi, caminha heroe tratante,
Cottimua a massacrar,
Que terás p'ra te julgar
Dos teus atos canibae,
Irmis, noivas, 'sposas, paes...
Quando a guerra terminar.

Carinho de desgraça,
Aberto d'um ventre humano!
Segte o destino, tirano,
Quea morte, cruel, te traça.
Sacrifica a humana raça
Em prol da tua ambição:
Que dos qu'enterrados 'stão
Vítimas da horrivel guerra,
De si sacudindo a terra,
Os cadaver's s'ergerão.

E, verás, cheio d'horror,
Hora a hora, dia a dia,
Risos cruéis d'ironia
Nas bocas a decompor!
E nesse longo 'stertor,
Vil serpente deleteria,
Abrucando-te a miséria...
Apostando-te a amplidão,
A tu condenação
Ouvirás em voz funérea!

Ergue-te! é vontade minha
Que te vás mostrar ao mundo,
A quem feriste tão fundo—
No que mais sagrado tinhav.
—Despota; vamos, caminha!...
Dir-te-ia a multidão.
Verás mães que chorarão,
E, quando por elas passas,
Hão de cuspir-te nas faces
Justa e atroz maldição.

Joaquim S. Caperta (X. Perta).

MOTE

N'uma garotice amena,
Rapazes endiabrados,
Na linda Alsacia-Lorena,
Estavam brincando aos soldados.

GLOSAS

Era uma alegre ranchada,
Que formava um pelotão;
Um, de cara agorotada,
Fazia de capitão,
D'ar marcial e pimpão,
Filho de Alsacia-Lorena
Que, apezar de pequena
Foi, na guerra, colossal,
Estava aii, sem fazer mal,
N'uma garotice amena.

Todos elles, com grande ardor,
Pensavam em receber
A tiro, ali, sem tremer,
Os soldados do imperador.
Tinha pela França amor,
Esse grupo de denodados,
Uns heroes improvisados,
Fortes, alegres e valentes;
Assim, brincavam contentes
Rapazes endiabrados.

Riam alegres as mães
Por os serem assim brincar,
N'isto, ao longe, ouvem trotar
Cavalos dos alemães.
São estes temíveis cães,
Que veem por fim á cena,
E um garoto de tez morena
Aos barbaros faz pontaria,
Com uma infanta alegria,
Na linda Alsacia-Lorena.

Foi apenas a brincar,
Mas o capitão da guarda
Arranca-lhe, lesto, a espingarda,
E ali manda-o fuzilar.
E a pobre mãe a chorar
Amaldiçoá os malvados,
Prodigalizando cuidados
Ao seu filho já sem vida,
Dizendo desfalecida:
Estavam brincando aos soldados.

Jorge Grave.

CHIADOFONE

A melhor marca de maquinas falantes ao preço de 6.500 réis.
Discos dos melhores assuntos portuguezes com duas faces a 650 réis.

A VENDA NOS

GRANDES ARMAZENS DO CHIADO**Ao Chapeu Modelo**

76, Rua do Alecrim, 78
(Proximo ao Camões)

**Chapelaria Moderna**

12, Calçada do Combro, 16
(Em frente do jornal a Lucia)

DE JOSÉ AGOSTINHO MARTINS

Chapeus e bonés de todas as qualidades.

Sortimento completo em chapeus de palha.

Preços moderados relativamente ás qualidades

Comercio Principal de Linhos

71, 81, RUA AUGUSTA, 71, 81
Cortinados Flanelas
Bordados suissos Malhas de lã
vendidas Confeções para creanças
Grande especialidade em enxovaes
Camisaria

Afonso de Barros & C.^a

N.º TELEFONICO 1438

ABEL PEREIRA & C.^a

Representantes gerais em Portugal de

LEONARDO B. SHOENELD & C.^a

Rua da Prata, 34, 2.º — LISBOA

Bijouterias, Quinquilharias, Cotonarias, Ferras, etc.
Objetos "Waltz", "Jazz", "Bambolas", e demais artigos de
luxo e brinquedos. — Couros, Granações, Maquias
de escrever, Automóveis, Camião accessorio, Ma-
quinas agricolas e para toda a industria. — Relojoaria.

ANTONIO BASTOS

Comissões e Consignações

EXPORTADOR DE

Productos nacionaes e estrangeiros

RUA DOS REMOLARES, 6, 1.º

LISBOA

Telefone n.º 1487 22, Caixa no Correio, 22

Endereço telegraphico ANTASTOS

NOVAS MARGAS DE CIGARROS

DO FABRICANTE

JORRO DE ORAM

Miosotis, 25 cigarros 220
Des Allés, 20 " 150
Zuavos, 25 " 160
Colombo, 20 " 130
Iida, 20 " 130

A venda na CASA HAVA'EZA, Chita n.º 124 a 134, Lisboa, e nas boas tabacarias.

O Gato Preto

Rua Augusta, 116

Exposição de louças artisticas
e decorativas
próprias para brindes.
Falanças, arte antiga (imita-
ção).

GAMISARIA CYSNE

DE

Alfredo da Silva

166, Rua Augusta, 168 — LISBOA

Completo sortimento de roupa branca para homem.

Sempre novidades recebidas directamente de Londres e Paris.

PREÇOS MODICOS

Gravataria Inglesa

Rua do Arsenal, 158

Fabrica de gravatas

Fabrica de camisas
ENXOVAES NOVIDADES
LISBOA

Executam-se com todo o esmero e brevidade, encomendas de GRAVATAS, CAMISAS e CEROULAS.

Gramofones e discos

Rua de S. Nicolau, 113

LISBOA

SALÃO NEUPARTH

CANÇÕES PORTUGUEZAS

Coleção escolhida de trechos de musica
portugueza. Para canto e piano.
SERIES PUBLICADAS 87 numeros
Preço de cada serie (12 numeros) 1.000 réis

Neuparth & Carneiro

97, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

JOÃO CARDOSO

ARMAZEM DE NOVIDADES

60 a 66, Rua do Carmo
109 a 113, Rua de Santa Justa

LISBOA

Lindas floreas Inglesas. Sapatos de tennis.
Malhas chics. Bijouterias encantadoras.

R. Potau & C.^a**FABRICA**

— DE —

LADRILHOS MOSAICOS

Especialidade em lavadouros e depositos
de cimento armado, tinas e lava-louças
de granitoide

PREÇOS SEM CONCORRENCIA

Agentes exclusivos da:

URALITA

Para telhados

MOSAICOS DE LUXO SEGUI

Machina Iberia para fazer blocos de cimento

R. Saraiva Carvalho, 143 Lisboa

Endereço telegraphico: EMPORDÁ